MARRETA

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Administração da Construção em Edificações, Cimento, Cal e Gesso, Ladrilho, Elétrico e Hidraúlico, Cerâmica, Mármore e Granito, Olaria e Produtos e Artefatos de Cimento de Belo Horizonte, Lagoa Santa, Nova Lima, Raposos, Ribeirão das Neves, Sabará e Sete Lagoas.

Filiado a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e Mobiliário de Minas Gerais - FTICMMG

78 anos de fundação do Sindicato

Viva os 22 anos da retomada pelos operários da Marreta

Combativos operários da construção em greve, fortalecendo a Chapa Marreta - 1989

Viva a Luta Classista e Combativa!

Viva a luta classista e combativa

Combativa Greve de 1979 um importante marco em nossa história

Dia da retomada do Sindicato - 30/11/1988

Assembléia da Greve de 1990

Chapa Marreta - 1989

Luta contra a entrega da Açominas

Mobilização de operários para construção de casas - trabalho coletivo coordenado pela Marreta em Vespasiano, Santa Luzia e Nova Lima

Casas construídas por mutirão Morro Alto Marretópolis - 1996

Assembléia de mutirantes Nova Lima - 1997

Breve histórico de alguns dos principais momentos da Marreta

Da fundação aos dias atuais

Fevereiro de 2011

Índice

Momentos históricos do Sindicato

Para ser o que é hoje, o Stic-BH passou por importantes momentos. Desde a sua fundação, o Sindicato enfrentou mudanças, intervenções, retrocessos e avanços. A grande greve operária de 1979 foi um marco da revolta da classe contra o arrocho e as péssimas condições de trabalho impostos pelo regime militar. A Marreta surgiu com a revolta da classe e retoma em 1988 o sindicato para as mãos dos trabalhadores, afastando o interventor e pelego Pizarro. O Stic-BH se torna um dos mais combativos e atuantes sindicatos do Brasil. De lá pra cá, muitas transformações ocorreram, e o Sindicato Marreta é um exemplo de combatividade e classismo na defesa dos direitos dos operários, camponeses de de todo o povo.

1933 – Fundação do STIC-BH

No dia 29 de janeiro de 1933, foi fundado o "Sindicato dos Operários da Construção Civil de Belo Horizonte". Em 1941, passa a ter a denominação atual "Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Belo Horizonte".

Os operários que construíram Belo Horizonte, desde o início, foram relegados e expulsos para a periferia da cidade. Apenas com sua organização e lutas é que vão arrancando seus direitos.

O MINISTRO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FAZ SABER a quantos esta CARTA virem que, [illegible]

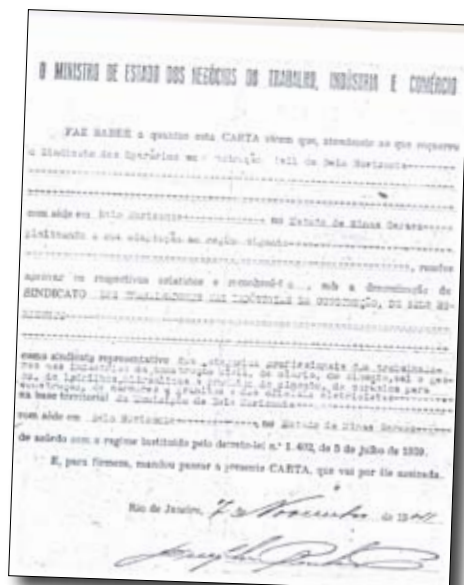
[illegible]

SINDICATO [illegible]

[illegible]

de acôrdo com o regime instituído pelo decreto-lei n.° 1.402, de 5 de julho de 1939.

E, para firmeza, mandou passar a presente CARTA, que vai por ele assinada.

Rio de Janeiro, [illegible] de 1941

Carta sindical emitida em 1941

1979 – Grande Greve operária

Belo Horizonte parou nesses dias. Milhares de operários cruzaram os braços e se rebelaram contra o Estado. A Praça da Estação se tornou o quartel general de uma das maiores greves operárias existentes no Brasil. Em um momento onde o regime militar perseguia e criminalizava abertamente as lutas populares, os operários de Belo Horizonte demonstraram a força da classe, enfrentaram a repressão policial e fizeram o Estado tremer diante da organização da classe.

Milhares de operários ocuparam o antigo campo do Clube Atlético Mineiro

O operário Orocílio Martins Gonçalves foi assassinado pela repressão policial no primeiro dia da greve. Esse crime fez aumentar a revolta dos trabalhadores. O Estado é culpado pelo crime que segue impune até hoje.

Greve de 1979 é marco da organização da Marreta

A greve de 1979 foi a semente plantada para o Marreta ser o que é hoje. Dezenas de operários passaram a se organizar na luta por fazer do STIC-BH um sindicato mais atuante e combativo. A atuação da diretoria pelega do sindicato não correspondia com a efervecência da classe operária. Em 1985, a chapa Marreta, organizada na oposição, iniciou a construção de um dos mais atuantes sindicatos do Brasil.

Boletim da chapa Marreta distribuído na eleição

1988 – Retomada do Sindicato

Pizarro queria se perpetuar na entidade. A chapa Marreta venceu a eleição de 1985 mas o pelego Pizarro deu um golpe, fraudou a lista eleitoral, não apurou os votos e prorrogou o seu mandato confiado na relação que mantinha com o regime militar. Mesmo fora do sindicato, a Marreta organizou lutas e greves nos canteiros de obras.
A resistência dos operários culmina com a eleição de uma junta administrativa, em 1988, após a decisão da Assembléia Constituinte de acabar com a subordinação direta do sindicato ao Ministério do Trabalho. Após a ocupação do sindicato e afastamento do pelego Pizarro, a CUT foi convidada para integrar a junta administrativa. Na assembléia de definição dos novos estatutos do sindicato, em fevereiro de 1989, a CUT tentou dar um golpe mas foi derrotada pelos operários; então se afastou do pleito eleitoral. A Marreta foi eleita com expressiva maioria nas eleições realizadas em abril de 1989.

VITÓRIA DOS TRABALHADORES

SINDICATO TEM DIRETORIA ELEITA

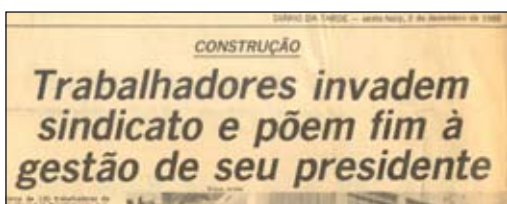
OS RESULTADOS

Acima a foto feita minutos depois da ocupação do sindicato, abaixo e à direita algumas publicações da época

MARRETA

O SINDICATO AGORA É NOSSO

CONSTRUÇÃO

Trabalhadores invadem sindicato e põem fim à gestão de seu presidente

Construção da Liga Operária e rompimento com a CGT

No dia 2 de setembro de 1995, a Marreta participou da Plenária Sindical Nacional que decidiu pela criação da Comissão Pró-Liga Sindical Operária e Camponesa e do Movimento pela Greve Geral. Junto com dezenas de outros sindicalistas, a Marreta que sempre esteve à frente de greves, manifestações e apoio às lutas populares, demarcava campo com as posições conciliadoras e opotunistas da direção da CGT.

Esta decisão foi muito importante para a construção de um sindicalismo classista, independente e para desmascarar os oportunistas que parasitam o movimento sindical. Foi um salto no enfrentamento à política anti-operária do governo e na organização dos trabalhadores na luta por justiça, democracia, terra e trabalho para todos.

3º Congresso da Liga Operária debate o balanço histórico e plano de lutas do movimento operário

2000 – Fundação da Escola Popular

O analfabetismo é um problema crônico em nosso país e o ensino é criminosamente negligenciado pelos sucessivos partidos que gerenciam a máquina estatal.

Particularmente no setor da construção, os índices são inaceitáveis. Desses trabalhadores foi roubado tudo, inclusive o direito a ler e escrever.

Se rebelando contra essa dura realidade, o sindicato Marreta sempre lançou campanhas de incentivo ao estudo. Já nos anos 90 o Marreta organizou um curso básico de alfabetização para os trabalhadores. Com o passar dos anos, o curso se transformou no que hoje é a Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves, com seus 11 anos de existência.

A Escola Popular defende que a ciência pertence ao povo, uma vez que ele é o verdadeiro sujeito da história e dos progressos científicos e tecnológicos. Portanto, as turmas de alfabetização e o Curso de Leitura de Projetos da Escola Popular cumprem uma tarefa importantíssima: devolver o conhecimento aos seus verdadeiros donos para que em posse dele possam transformar esse velho mundo.

MARRETA CGT

VOCÊ É CAPAZ! É SÓ QUERER

"LÊR É DESCOBRIR"

VAMOS QUEBRAR TODAS AS BARREIRAS

"ESTUDO É A CHAVE DO CONHECIMENTO"

Na foto acima, entrega dos certificados de conclusão de curso para os alunos. Já em 1992, o Marreta propagandeava a necessidade dos operários se alfabetizarem e se armarem de conhecimento para enfrentarem as lutas da classe.

Grandes lutas da categoria

1990 – Greves e mobilizações

Em 1990, duas massivas greves operárias, uma em julho com 14 dias de duração, e outra em novembro com 23 dias, arrancaram grandes conquistas. A direção da Marreta foi essencial para levar a cabo as aspirações dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. Apenas dois anos após o Marreta assumir o sindicato, uma combativa greve conquistou o direito à cesta básica e café da manhã nas obras.

No décimo dia de greve, 41 prisões

Greve em Beagá vence brutalidade e violência

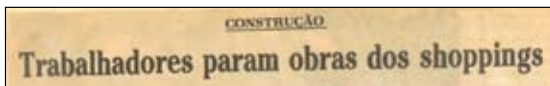
Trabalhadores na construção realizaram passeatas diárias

Peões recebem salários. Preocupação agora é com risco de mais demissões

CONSTRUÇÃO

Trabalhadores param obras dos shoppings

Greve na construção civil tem adesão de 5 mil peões

Categoria teve boas conquistas em 90

Na foto acima, a greve que conquistou o direito à cesta básica e café da manhã nas obras, em junho de 1990. Os recortes de jornais mostram como as mobilizações dos operários tiveram grandes repercursões nessa época

Anos 90 – Greves e mobilizações

Nos anos seguintes da década de 90, grandes greves conquistaram significativos reajustes salariais e obrigou aos patrões a cumprirem vários procedimentos de segurança, para evitar acidentes e mortes nas obras. As obras de construção dos shoppings Dell Rey e Minas, foram grandes focos de paralizações.

No topo, o operário com a inscrição"Quero ver o presidente com salário de servente" à frente de uma grande greve nas obras do Shopping Dell Rey. Abaixo, uma grande manifestação durante greve em 1995

Anos 2000 – Greves e mobilizações

Durante os anos 2000 o Sindicato fez grandes greves e mobilizações. O governo Lula-FMI, com suas "reformas" trabalhista, previdenciária e sindical, pôs em marcha uma truculenta política de cortes de direitos dos trabalhadores, com a imposição de salários arrochados e jornadas excessivas de trabalho. As mobilizações dos operários nessa década foi essencialmente para barrar o corte de direitos conquistados historicamente. Em 2006, 2007 e 2008 grandes mobilizações tomaram conta das ruas da capital.

No topo, em 2006, os operários em greve fazem assembléia na Praça 7. No meio, em 2007, mais de 1000 trabalhadores fazem manifestação na avenida Augusto de Lima, e embaixo, a greve da construtora Líder em 2010.

Congressos e seminários

O Sindicato Marreta sempre se preocupou em organizar congressos e seminários para fortalecer e intensificar a organização da categoria. Atividades com estudos, palestras, exibição de vídeos e amplos debates, fazem do Marreta um sindicato bastante democrático, onde todos os operários têm espaço para exporem suas idéias e propostas de organização.

Na foto do topo da página, uma sala de debates durante o 6º Congresso da Marreta em 2008. Abaixo à esquerda, uma plenária durante o congresso. À direita, operários participam do 4º congresso em 2004. Mais abaixo a chapa eleita do Marreta em 2008.

Luta contra "acidentes" nas obras

Desde a eleição do Marreta em 1988, iniciou-se uma incansável campanha de denúncias contra os "acidentes", mutilações e mortes nos canteiros de obras. No início dos anos 90, os patrões não cumpriam com quase nenhuma obrigação a respeito das condições de segurança no trabalho. Com a pressão dos operários organizados, foram obrigados a oferecer mais segurança. Mesmo assim, os operários da construção seguem sofrendo com "acidentes" causados pela ganância dos patrões e cumplicidade do governo, que impõem jornadas excessivas e descumprem as mais elementares normas de segurança no trabalho.

No topo, foto de operário em protesto contra as mortes nas obras em 96. Ao lado, flagrante de operário trabalhando sem cinto e segurança. Na sequência, três operários mortos em 2010, Charles por soterramento, Roberto por queda e Manoel por esmagamento, respectivamente.

O Marreta
na luta pela moradia

Mutirões

Casas no Bairro Morro Alto, construídas através de mutirões idealizados e executados com apoio da Marreta.

Prédios em Nova Lima também construídos através de mutirões

As primeiras ações em defesa do direito à moradia pela Marreta foi o apoio às ocupações da Vila Mariquinha e Vila Ideal, em 1991. Diretores do Sindicato ajudaram na mobilização das famílias e visitavam constantemente o local ocupado para apoiar a luta.

Em 1996, companheiros da Marreta desenvolveram um projeto para construir casas por meio do trabalho coletivo (mutirões). Para isso tiveram que lutar para arrancar do governo os terrenos e o financiamento das construções. O projeto consistia no trabalho coletivo, onde os futuros moradores construíram as casas e apartamentos. Foram realizados mutirões no bairro Morro Alto (Marretópolis) em Vespasiano, e também em Nova Lima e Santa Luzia.

Tudo foi organizado a partir da ação do Sindicato. O projeto das moradias, o plano de trabalho dos mutirões, o sorteio das casas após a construção, etc. Centenas de famílias conquistaram suas casas e hoje permanecem nelas.

Tomada da Vila Corumbiara

Antes

Depois

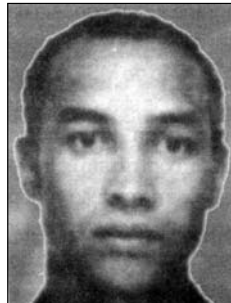
A Vila Corumbiara, em 1995, marca o surgimento do LPM (Luta Popular pela Moradia) e foi uma grande experiência de luta organizada por habitação popular. Dezenas de famílias decidiram tomar um terreno abandonado da prefeitura e nele construir suas casas. Durante todo o período do planejamento e da execução desta tarefa, operários da construção estiveram presentes.

A repressão foi grande, porém a resistência foi maior ainda. Seja por meio da propaganda difamatória e intimidadora da prefeitura e da imprensa burguesa, seja por meio da ação policial efetiva, diversas foram às formas com que tentaram retirar as famílias do terreno ocupado. Porém a maior arma que o povo pode ter é sua organização! Nada, nem ninguém, pode deter o ímpeto dos trabalhadores, que não arredaram pé de onde estavam. Toda a estrutura da Vila foi construída pelos moradores: abertura de ruas, redes de abastecimento de água, creches etc. Com o tempo conquistaram a luz e a água e posteriormente transporte e escolas.

Tomada da Vila Bandeira Vermelha

A militância política dos diretores do Sindicato junto com o LPM foi fundamental também para a luta das famílias da Vila Bandeira Vermelha, em 1999.

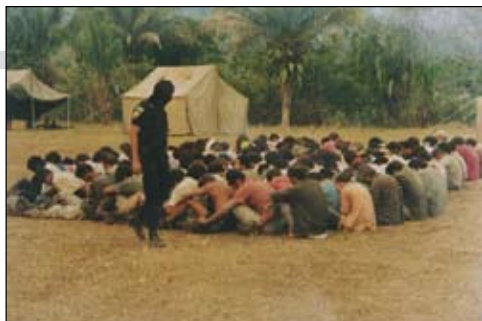
Desde o início, na etapa de organização das famílias para tomar o terreno da prefeitura, o Marreta apoiou decididamente os companheiros que dirigiam o processo. Mais que isso: companheiros diretores do Sindicato se dedicaram na conformação de um comitê de apoio que teve como tarefa reunir uma frente de solidariedade. Quando toda imprensa burguesa atacava a decisão dos moradores, quando outras organizações e movimentos se silenciavam diante da realidade da luta, quando o prefeito assassino Jesus Lima (PT) preparava suas tropas sanguinárias para atacar o povo pobre, nesse tempo todo o Sindicato Marreta esteve lá dando todo apoio às decisões das famílias acampadas.

Apoiando firmemente esta luta vimos tombar os operários Elder e Erionildes, assassinados pela PM a mando do prefeito Jésus Lima – PT. A luta da Vila foi uma escola de guerra para o povo, um aprendizado de sangue, suor e lágrimas de qual é a única alternativa para os pobres desse país: a luta destemida e encarniçada contra seus opressores. Hoje a Vila Bandeira Vermelha é uma realidade e mais uma vitória na luta do povo pela moradia.

Elder

Erionides

O Marreta
na luta pela terra

Batalha de Santa Elina

Em 1995 o município de Corumbiara, em Rondônia, foi palco de uma heróica luta e um dos mais bárbaros massacres contra os camponeses pobres. As 600 famílias acampadas foram violentamente atacadas pela polícia. Onze camponeses foram assassinados e 7 desaparecidos. Esse ocorrido fez despertar nos operários da construção de BH e Região, que tinham acabado de romper com a CGT, um sentimento de apoio e solidariedade àqueles que lutam pelo direito de trabalhar e viver no campo. Esse sentimento se alastrou e colocou o sindicato Marreta como um dos principais sindicatos apoiadores da luta pela terra e no caminho de destruição do latifúndio. Recentemente a Fazenda Santa Elina foi reocupada, com a participação de muitas vítimas da época e representantes do Marreta estiveram no local prestando importante solidariedade.

9 de agosto de 1995: Dia do Massacre de Santa Elina

Corpos de vítimas em Corumbiara/RO

Em 2010, camponeses comemoram retomada da fazenda Santa Elina

Certificado de posse da terra

Área Revolucionária Zé Bentão (antiga Santa Elina)

Viva a Revolução Agrária!

CODEVISE

Certificado de entrega das terras aos camponeses

Apoio ao Movimento Camponês

Durante a década de 90 o Sindicato Marreta forjou uma avançada consciência de classe. Após o massacre de Santa Elina, muitos diretores e delegados do Marreta foram até o local e viram de perto o saldo de destruição deixado pelo ataque policial. Com essa experiência o Marreta decide de vez apoiar as lutas no campo. Uma das mais exemplares iniciativas foi o apoio à uma grande tomada de terra em Varzelândia, no Norte Minas, em 1998. Hoje o Marreta segue apoiando e defendendo as legítimas lutas camponeses por todo o país.

No topo, imagem da primeira tomada de terra que o sindicato apoiou concretamente, em Varzelândia, em 1998. Abaixo imagem do 3º congresso da Liga dos Camponeses Pobres do Norte de Minas, organização que o Marreta apóia. Abaixo, crianças de Rondônia se divertem em acampamento camponês.

Desenvolvendo a Aliança Operário–Camponesa

Imagem da construção da ponte da Aliança Operário-Camponesa, em Varzelândia no Norte de Minas. No topo, imagem da ponte já construída.

Com forte sentimento de classe, entendendo que a secular concentração de terras nas mãos de uma minoria de exploradores causa a expulsão dos pobres do campo, a fome e a miséria nas cidades, e resgatando a origem camponesa da maioria dos operários da construção, a Marreta desenvolveu fortes laços com os camponeses pobres, apoiando decididamente a luta por terra pra quem nela trabalha. Diretores e funcionários do Sindicato, de forma voluntária, abriram mão de seus cargos na diretoria, para morar no campo e ajudar na organização e na luta dos camponeses pobres. Outros diretores do Sindicato e trabalhadores da base também participaram das idas ao campo para apoiar os trabalhos de construção de moradias, de ponte, de irrigação, etc., nas áreas camponesas.

O Marreta nas lutas da classe

Marreta em defesa da luta dos povos

O internacionalismo proletário é um compromisso inabalável da Marreta. Os operários da construção participaram ativamente de diversas manifestações de solidariedade a luta dos povos. Já em 1997, quando ocorreu a reunião da Alca em Belo Horizonte, a Marreta participou das massivas manifestações de protesto contra a imposição dos interesses do imperialismo ianque aos países da América Latina. Da mesma forma, quando ocorre a reunião do BID, em 2006, a Marreta ocupa a linha de frente dos protestos.

Quando ocorre a segunda invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 2003, a Marreta também participa das passeatas de protesto. A praça Sete virou uma praça de guerra com os manifestantes jogando uma chuva de pedras na polícia que quis dispersar o protesto. Vários atos públicos e passeatas também foram feitas em solidariedade ao povo palestino e contra os crimes do assassino Estado sionista e fascista de Israel. A Marreta também lançou seu protesto contra a ocupação do Haiti pelas tropas do exercito do Brasil, EUA e outros paises.

À esquerda o vigoroso protesto contra a reunião da Alca, com queima da odiada bandeira ianque no centro de BH, em 1997. À direita, o protesto contra a reunião do BID em 2006

Marreta em defesa da luta dos povos

Nas fotos, de cima para baixo: 1 - Manifestação contra a invasão ianque no Iraque, nas ruas de BH em 2003; 2 - Ato contra o sanguinário bombardeio israelense na Faixa de Gaza em janeiro de 2009; 3 - Ato contra a operação "Caçada Verde" em frente a embaixada da Índia, (abril/2010); 4 - Ato pela liberdade do advogado trabalhista chinês Zhao Dongmin(nov/2010)

A agressão aos povos Advasi e demais camponeses da Índia teve o repúdio da Marreta que participou junto com a LCP – Liga dos Camponeses Pobres, Liga Operária, Cebraspo, e outras entidades, de uma grande e combativa manifestação contra "Operação Caçada Verde", em frente a embaixada da Índia, em Brasília no mês de abril/2010. Também em Brasília, em novembro/2010, participa da manifestação em frente a embaixada da China, exigindo a libertação do advogado trabalhista Zhao Dong-min.

Participação em congressos internacionais de trabalhadores e recepção a sindicalistas de outros países foram outras atividades da Marreta.

Luta contra as privatizações

Os operários do Marreta ocuparam a linha de frente na luta contra as privatizações das empresas públicas executadas durante os governos Collor e FHC. Foram travados grandes embates nas ruas durante os leilões da Açominas, Usiminas, CSN, PQU, entre outras. A Marreta denunciou o entreguismo dos governos de plantão e somou-se a indignação dos trabalhadores contra a entrega das empresas estatais.

A manifestação contra a privatização da Açominas parou o centro de Belo Horizonte em 1993. Manifestantes reagiram à violência policial com paus, pedras e muita revolta.

Luta contra as "reformas"

A Marreta combateu vigorosamente as medidas das contra-reformas trabalhista, sindical, previdenciária, universitária. Foi feito um amplo trabalho de denúncia dos cortes de direitos embutidos nessas contra-reformas. A Marreta enfrentou essas medidas determinadas pelo FMI e que os governos Collor, Itamar, FHC e Lula implementaram. No governo FMI-Lula, a Marreta vanguardeou o enfrentamento contra as medidas de arrocho, cortes de direitos e de cooptação que o governo FMI-Dilma continua a colocar em prática.

No topo, manifestação de protesto em Ouro Preto, no dia 21 de abril de 2003, contra as "reformas" trabalhistas que o governo FMI-Lula queria implementar. Abaixo, manifestação na porta da Fiat Automóveis, em 2004.

Viva a luta classista e combativa

A Marreta apoia a luta popular na tomada de terrenos para garantir o direito à moradia

Vila Corumbiara - 1995

Vila Bandeira Vermelha - 1999

Manifestação durante greve - 1995

Manifestação contra as "reformas"
Ouro Preto - 2003

Passeata durante a combativa greve da Campanha Salarial 2006/2007

Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves
A ciência e a técnica a serviço do povo!

Apoio a luta pela terra, Ponte da Aliança Operário Camponesa - 2007

Reuniões nos canteiros de obras para organizar a luta operária